

# A ESCOLA E SUA RELAÇÃO COM AS FAMÍLIAS NAS MEMÓRIAS DE TRABALHADORES; PAIS E FILHOS ADULTOS

Giovani Barbosa Prado<sup>1</sup>  
Cristina Ferreira Assis<sup>2</sup>  
Rosa Maria da E. Coutrim<sup>3</sup>

## RESUMO

O artigo ora apresentado é fruto de uma investigação que está sendo feita com duas gerações da mesma família, pais e filhos adultos que também exercem a paternidade ou maternidade em bairros da periferia de uma pequena cidade do interior de Minas Gerais. Sabe-se que na família, de uma geração a outra, são passadas inclinações, práticas e disposições. O objetivo principal do estudo é conhecer as representações que cada uma dessas gerações têm da escola e da sua relação com a família, bem como as mudanças e permanências nas práticas cotidianas de apoio à escolarização dos filhos. Para isso, optou-se pela abordagem qualitativa e pela metodologia da história oral temática a fim de perceber a memória de pais e filhos em relação à sua vivência escolar, o meio em que vivem e o papel da família e da comunidade nesse contexto. A pesquisa tem mostrado, entre outras coisas, que de uma geração a outra muito mudou. A escola, embora tenha sido valorizada na geração dos mais velhos, hoje tem ocupado papel central na vida das famílias jovens. Se na geração dos pais os castigos físicos eram recorrentes e a autoridade do professor era incontestável, na geração dos jovens pais preza-se pelo diálogo e o professor já não é associado ao saber inquestionável. Tais mudanças em tão curto espaço de tempo trazem aos jovens pais insegurança e novos questionamentos.

*Palavras-chave:* Gerações. Família. Escola. Memória.

---

1 Mestrando do Programa de Pós Graduação em Educação – mestrado - da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e membro do NESFE - Núcleo de Estudos Sociedade, Família e Escola. [giovaniprado1986@hotmail.com](mailto:giovaniprado1986@hotmail.com).

2 Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação – mestrado - da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e membro do NESFE - Núcleo de Estudos Sociedade, Família e Escola. [cristinaferreiraassis@yahoo.com.br](mailto:cristinaferreiraassis@yahoo.com.br).

3 Professora Adjunta do Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e membro do NESFE - Núcleo de Estudos Sociedade, Família e Escola. [rosacoutrim@ichs.ufop.br](mailto:rosacoutrim@ichs.ufop.br).

## INTRODUÇÃO

A família e a escola têm sido nos últimos séculos as duas instituições principais da socialização do indivíduo. É na família que a criança inicia seu processo de reconhecimento do outro e é na escola que se alargam seus conceitos e sua rede de relacionamentos. A formação do sujeito tem sido o principal objetivo dessas duas instituições e a sociedade moderna espera que ambas atuem de forma complementar nos cuidados das novas gerações.

Desde Comênius, no século XVII, a escola vem se modificando e é cada vez mais marcante seu papel no desenvolvimento da criança e do jovem. A família, por sua vez, tem sofrido mudanças profundas ao longo dos séculos XX e XXI, refletindo as novas exigências da sociedade moderna tanto no mundo do trabalho quanto das relações humanas. Para Sofia Vieira (2006), enquanto as escolas passam por um processo de descentralização ao longo do século XX e buscam por melhor qualidade de ensino, as famílias, em contrapartida, atravessam um período no qual aumenta a individualização e as relações de poder se modificam. A escola tornou-se a instituição fundamental da sociedade moderna em que os valores tradicionais da família e da vida comunitária resguardam-se diante a uma sociedade em transformação. Não se trata de garantir a instituição de ensino como aquela que promovera o progresso, mas sim aquela que garante a estabilidade e a necessidade social em se manter ordenada.

O que se pode dizer é que para além dessa realidade há demais fatores determinantes, como as relações de poder intra familiares, desigualdade sócio-econômica, diversidade cultural, entre outros que são frequentemente esquecidos quando se estuda a relação família/escola (RICCI, 2003). A inserção da mulher no mercado de trabalho, o aumento do número de divórcios e separações e a coexistência de diferentes arranjos familiares, mesmo nas cidades menores e mais tradicionais, apontam para o afrouxamento da coesão grupal, principalmente daquela baseada na autoridade. Segundo Singly (2007, p.128), na sociedade moderna “[...] tudo remete a uma demanda, explícita ou não, de autonomia pessoal e desvalorização dos elos de dependência em relação às instituições e às pessoas”. Tal “desvalorização dos elos de dependência” revela o processo de individualização pelo qual todas as gerações vêm passando.

O processo de individualização apontado por Singly (2007.) e outros autores como Guidens (2000; 2003), Elias (1987) e Tedesco (1999) têm reflexos diretos e indiretos na socialização de crianças e jovens em todos os meios sociais, com implicações na sua relação com a escola, bem como nas redes de amizades, afetivas, de parentesco, profissional, e etc. Apesar da crescente individualização, o grupo familiar continua tendo papel importante na transmissão de disposições mentais e comportamentais das novas gerações.

Para além do antagonismo de ideias que permeiam as gerações decorrentes das mudanças ocorridas nas últimas décadas, Singly (2007) aponta ainda o fato de que para famílias de classe média e alta uma boa educação é realizada quando os filhos são felizes e controlados. Já para classes populares esta é caracterizada quando os filhos são honestos e obedientes.

Assim, diante das mudanças sofridas tanto pelas famílias quanto no processo escolarização, duas questões nos intrigam: Quais as representações que gerações distintas, dentro da mesma família fazem da escola? Quais as práticas cotidianas e disposições em relação à educação escolar permanecem de uma geração a outra?

Fruto de uma pesquisa sobre a relação família e escola neste contexto de transformações institucionais, o presente artigo tem como objetivo levantar alguns pontos de discussão a respeito das representações que os indivíduos do mesmo grupo familiar, com trajetórias de escolarização em épocas distintas e provenientes dos meios populares, têm da escola e da sua relação com a família. A abordagem escolhida para a pesquisa foi qualitativa e, para se apreender as nuances dessas representações, recorreremos a entrevistas com duas gerações, pais e filhos acima dos 20 anos que já exerçam a paternidade ou maternidade. Para isso, estão sendo selecionados dez indivíduos de ambos os sexos que vivenciaram o cotidiano escolar nos anos 60 e 70 e indivíduos que tiveram sua escolarização nos anos 1990 e 2000. A pesquisa está em andamento e vem sendo realizada em Mariana, uma cidade do interior de Minas Gerais.

Atualmente, diversos autores têm se voltado para a temática vinculada à relação entre família e escola, propondo ou não soluções para estes conflitos (como os de Zaia Brandão, 2000; Maria Alice Nogueira, 2005; entre outros). Contudo, não são muitos os que buscam analisar o tema observando suas relações com gerações anteriores.

Ao se abordar o caso de uma cidade do interior de Minas Gerais, a pesquisa traz inovações, pois avalia um campo distinto do tradicional estudo centrado no eixo Rio-São Paulo, cujos resultados provenientes são, muitas vezes, divulgados nacionalmente e generalizados, sendo desconsideradas as especificidades regionais.

Em busca de uma reaproximação entre essas duas instituições de fundamental importância para a sociedade é que o entrosamento entre família e escola tem se ampliado a fim de amparar as dificuldades enfrentadas por ambas, como: a suposta “crise da escola”, problemas com violência, indisciplina e diversidade. E ainda que uma parte dos autores incida para uma determinada versão, seja a que privilegie o lado da escola, que privilegie a família ou que recrimine ambas instituições, família e escola apoiam-se uma na outra desde a consolidação do sistema escolar.

Segundo Faria Filho (2000), é ilusório pensar que os professores e os gestores das unidades escolares alimentam a possibilidade de maior participação dos pais na escola. Sendo assim adota-se uma visão escolarizada do problema, não pondo em dúvida o lugar construído para e pela escola, em relação às demais instituições sociais, dentre elas a família. Por outro lado, existe o pensamento corrente de que hoje, mais do que nunca, o discurso da escola afirma a necessidade de se conhecer a família para bem se compreender a criança, assim como para obter uma continuidade entre sua própria ação educacional e a da família (NOGUEIRA, 2005). Por fim, há ainda o discurso da família contra a escola, seja pelo papel de coadjuvante atribuído à família no decorrer do século XX ou ainda por possuírem pouca mobilização escolar. O que faz delas ter pouco ou mínimo conhecimento sobre a instituição escolar (CUNHA, 2000).

A proposta de se estudar pais e filhos adultos da mesma família têm possibilitado a apreensão de práticas e comportamentos que se mantêm (ou não) consciente ou inconscientemente de uma geração para outra. Para isso, recorreu-se a autores como Bourdieu e Passeron (2009), Perrenoud (2001), Tedesco (1999), Singly (2007), Domingues (2002) entre outros, que ofereceram a base teórica metodológica para análise das entrevistas com foco principal na transmissão de legados e disposições intergeracionais e na relação família/escola.

Para a realização das coletas dos depoimentos, recorreremos aos recursos da História Oral. Tal metodologia ganha espaço nas últimas décadas na comunidade científica com a ampliação dos campos de

estudo a um contexto onde os grupos marginalizados, e não mais somente os grandes heróis, começam a ser notados. A História Oral abre a possibilidade de se trabalhar a história em um passado mais recente, oferecendo um diálogo com a sociologia. Utilizando-se de relatos coletados a partir das memórias de depoentes (THOMPSON, 1992), permite que o pesquisador construa sua própria fonte em conjunto com aquele a quem se propõe investigar, pois no momento da entrevista, entrevistador e entrevistado têm igual importância. O primeiro propõe questões e delimita o assunto a ser tratado, enquanto o segundo articula suas experiências pessoais (ALBERTI, 1989).

Conforme mencionado anteriormente, a pesquisa se encontra em andamento e para o presente artigo selecionamos somente a fala de pais. A partir da memória dos adultos acima dos 50 anos procuramos perceber como era sua relação com a escola no seu tempo de criança e como os seus pais interagiam com a instituição escolar. Além disso, buscamos compreender, à luz da teoria sobre o tema, como se deu o processo de escolarização de seus filhos, o envolvimento com a escola e as possíveis permanências de comportamento.

### **FAMÍLIA E ESCOLA: SOCIALIZAÇÃO EM MUDANÇA**

Falar em socialização exige do pesquisador um conhecimento mínimo a respeito das várias influências sofridas pelo sujeito desde sua mais tenra infância. As instituições, os meios de comunicação e a mídia, as relações de parentesco e de amizade vão influenciando mais ou menos na formação do caráter individual, dependendo da etapa de vida em que o sujeito se encontra. Apesar de não se constituir como um campo claramente delimitado de estudos sociológicos, o conhecimento do processo de construção da socialização é fundamental para as Ciências Humanas, mesmo reconhecendo que por mais profunda que seja a análise, o pesquisador nunca apreende o todo. Grandes sociólogos com Weber e Durkheim se dedicaram à compreensão da constituição do indivíduo na sociedade.

[...] desde los grandes fundadores de la sociología, han intentado comprender cómo las experiencias socializadoras más variadas se sedimentan en formas más o menos duraderas de ver, sentir y actuar

–propensões, inclinações, formas de ser persistentes, costumbres, *ethos*, *habitus*, disposições, perspectivas, etc.–, y cómo estos productos del pasado incorporados por los socializados determinan en parte sus acciones y reacciones (LAHIRE, 2007, p.25).

Refletindo sobre as palavras de Lahire (2007) percebe-se que o indivíduo não se constitui sem que sejam travadas relações interpessoais e grupais, fruto do contexto social, político, cultural e econômico no qual se insere e, portanto, faz parte. Assim, as disposições familiares e o meio em que o sujeito está inserido marcam sua trajetória como adulto trabalhador a ponto, em muitos casos, de seguirem os passos profissionais dos pais ou avós. Em uma de nossas entrevistas o depoente, corroborando com as observações dos supracitados autores, diz ter se tornado carpinteiro graças ao conhecimento e influência de seus avós e essa escolha o acompanhou por toda a vida adulta.

É porque meus avós também eram carpinteiros. Meus avós era carpinteiro, marceneiro. Então eu puxei para o lado deles, não é? (DEPOENTE 1, José, 61 anos)<sup>4</sup>.

Mesmo sendo filho de lavradores, o José seguiu a profissão mais qualificada entre os avós. No seu universo de escolhas ele interpretou as disposições profissionais presentes na família como “puxar pelos avós”. Como se a carpintaria fosse uma “profissão hereditária”, embora fosse negada por seu pai.

Mais do que núcleos formados por relação de parentesco ou necessidades, o grupo familiar se constitui em um espaço, no qual as diferenças de sexo, idade, ideologias e posição social convivem. Onde se vivencia diariamente um “jogo de poder” na distribuição de direitos e deveres dentro do domicílio. Segundo Rocha-Coutinho (2006), nesse grupo sempre há deveres e controle, o que requer dos seus membros certo domínio a fim de manter os conflitos no nível mínimo, aceitável. Essa exigência de flexibilidade na aceitação do outro a fim de evitar grandes rupturas é recente. Se na sociedade patriarcal os modelos de autoridade eram fixos e a última palavra partia do homem adulto para os demais membros da família, hoje se

4 Para preservar a identidade dos depoentes utilizamos nomes fictícios.

observa com maior clareza que as relações de poder se modificam. Nas entrevistas aqui analisadas, o homem já não se encontra mais dentro do lar com os seus filhos. As famílias são, nesses casos, monoparentais. Inclusive, em um dos casos, nem mesmo com os filhos o pai tinha contato.

As minhas filhas... As minhas filhas uma é... Diz que é técnico de mineração da Vale do Rio Doce. Quem falou foi o meu, meu ex cunhado... Falou... Porque elas... Muitos anos atrás... Não vejo ela mais. Vinte e cinco que não vejo, não é? (DEPOENTE 1, José, 61 anos).

Assim, tais relações se transformam, e sucessivas situações em que há divergências latentes, com o tempo podem emergir e tornar-se confronto aberto. Surgem novas configurações de poder entre homens, mulheres, crianças, jovens e idosos dentro do domicílio e os papéis, antes pré determinados, são hoje definidos e redefinidos ao longo do tempo no grupo.<sup>5</sup> Dentro de um mesmo lar, inclusive, convivem pessoas que não tem ao menos vínculos de sangue, mas sim uma relação de amizade, participando conjuntamente da criação das crianças.

Tem (tinha) uma vizinha lá que é... Minha madrinha. Aí eu era muito amiga da filha dela. Até morei algum tempo com ela (DEPOENTE 2, Ana, 53 anos).

Este fenômeno recente traz à discussão as mudanças de autoridade dos pais durante o processo de crescimento dos filhos e também as formas de participação direta ou indireta de pessoas que fazem parte do núcleo familiar. Este é o caso dos avós, que atuam direta ou indiretamente na educação das crianças e no suporte à gestão familiar. Percebe-se, portanto, o aumento da liberdade de expressão no grupo familiar, bem como a valorização do ideal de liberdade para fazer escolhas, frutos da crescente individualização da sociedade contemporânea.

---

5 Pensando também na conjugalidade e nas mudanças recentes da vida privada Sofia Aboim (2006), em sua tese de doutoramento, realizou um estudo bastante interessante em Portugal sobre as relações familiares na contemporaneidade e, para isso, utilizou-se de survey bem como de entrevistas em profundidade.

A família brasileira, assim como em outras partes do mundo, industrializadas ou não, também sofreu grandes alterações em pouco tempo (BRANDON; HEYWORTH; GRIFFEN, 2007). Além das mudanças estruturais, elas também apresentam desigualdades sociais expressas na cor ou raça, no sexo e na escolaridade do principal provedor, etc. e isso se reflete na força política e nas demandas por serviços públicos e privados diferenciados.

É o processo estudado por Guidens (op.cit.), Elias (op.cit) e Tedesco (op.cit) que apontam a crescente individualização na sociedade moderna e observam que tais mudanças trazem consequências importantes no processo de socialização das crianças e dos jovens.

A nova forma de individualismo dá ênfase, sobretudo, à auto-expressão, ao respeito pela liberdade interna, ao desenvolvimento da personalidade, das suas qualidades especiais e da sua excepcionalidade. Constitui um credo, hoje em dia, defender que cada pessoa é ou deveria ser livre (...) Este alargamento das possibilidades de opção, aos âmbitos próprios do estilo de vida tem, sem dúvida alguma, importantes consequências, sobre o processo de socialização. A legitimidade do direito de cada qual definir a sua própria vida, supõe que os adultos adoptam, perante seus filhos, uma conduta menos `autoritária`, menos impositiva (TEDESCO, 1999, p. 38-9).

Como é possível perceber na fala do autor, as mudanças nas relações humanas têm sido assustadoramente rápidas. Com a massificação da televisão e, posteriormente, com a chegada da era digital, a sociedade tem experienciado nas últimas cinco décadas uma verdadeira revolução na forma de comunicação. A família está no centro dessas mudanças, e os pais administram como podem o acesso às diversas e intensas redes de comunicação e informação nas quais seus filhos estão inseridos. Certamente o processo de socialização das crianças e jovens na atualidade tem sido muito diferente de poucas gerações antecedentes. A maior flexibilidade nas negociações intra familiar dilue, de certa forma, a convivência baseada em convenções e no autoritarismo e não se adequa aos modelos estruturados e estruturantes que algumas instituições como a escola ainda mantêm, conforme coloca Tedesco (op.cit. p.43)



No século XX, por sua vez, a família modificou-se muito mais do que a escola. Entre a família de hoje e dos finais do século passado vai uma enorme distancia, enquanto que as mudanças são muito menos significativas entre a escola de hoje, e a escola de fim de século. Enquanto que, na família, se estabeleceu a diferenciação, o respeito pela diversidade, o alargamento dos espaços de opção e a personalização, na escola, mantém-se a indiferenciação, as opções são reduzidas, e surge resistência à diversidade pessoal.

**Tanto a família quanto a escola são responsáveis pela transmissão e construção de valores de acordo com as expectativas de cada ambiente. Por isso, ambas emergem como instituições fundamentais para desencadear os processos de socialização, atuando como precursoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social. Na família, os objetivos, conteúdos e métodos se diferenciam, fomentando o processo de socialização, a proteção, as condições básicas de sobrevivência e o desenvolvimento de seus membros no plano social, cognitivo e afetivo. Já na escola, os conteúdos curriculares asseguram a instrução e apreensão de conhecimentos, havendo uma preocupação central com o processo ensino-aprendizagem (DESSEN; POLONIA, 2007).**

Embora a escola tenha um papel fundamental na socialização das crianças e jovens<sup>6</sup>, percebe-se, a partir da obra de Tedesco (op.cit.) e dos demais autores trazidos nesse texto, que ela não tem acompanhado às mudanças exigidas pela sociedade atual. Mantendo-se em um padrão com pouca abertura para as diferenças, a escola tem assistido quase impotente, às situações de fracasso escolar e exclusão. As famílias, por sua vez, em diversas ocasiões adotaram diversas estratégias na tentativa de adequação de seus filhos ao sistema avaliativo da escola. Ao se analisar a educação tradicional, ainda presente nos anos 50 e 60 percebe-se a autoridade inquestionável do professor. O exemplo está na fala de um depoente referindo-se aos castigos dos pais quando não cumpria seu papel escolar ou quando recebia reclamações do professor.

6 Não se pode falar do processo de socialização sem mencionar a brilhante obra de Berger e Luckman (1984).

Nós aprendemos a educação é... Na base do castigo. Aí foi bom... Aí ainda falava assim: 'esse coro que eu estou dando em vocês aqui é pra servir de exemplo, pra vocês não apanharem na mão do de fora' (DEPOENTE 1, José, 61 anos).

**A entrevistada de número 2 corrobora com as informações. Quando questionada sobre os castigos que recebia na escola, ela responde que era colocada ajoelhada sobre o milho. Em relação a esta punição extremada, a família não intervinha.**

Joelho no chão. De joelho no chão. Sim. Nessa época existia isso (DEPOENTE 2, Ana, 53 anos).

**Percebe-se na fala dos sujeitos entrevistados que os castigos físicos eram adotados pelas famílias e pelas escolas como recurso educativo. Hoje, as novas gerações de pais prezam pelo diálogo e as entrevistas têm revelado a existência de um dilema vivido pelos pais mais jovens que oscilam entre o comportamento apreendido com as gerações anteriores e o que a sociedade moderna espera.**

**A forma como os filhos percebem o papel da escola se reflete nas suas expectativas de futuro para si e para outros jovens que compartilham o mesmo espaço, como os amigos, colegas ou conhecidos. Embora o tempo de permanência na escola tenha crescido, muitos jovens dessa geração, assim como seus pais, não encontram nessa mudança uma garantia de emprego formal. Quando questionada se sua filha de 27 anos continuou estudando, a depoente de número 2 responde que ela parou no primeiro ano do segundo grau e quando o depoente número 1 (um) foi inquirido sobre as profissões dos jovens de sua vizinhança, o mesmo indica a persistência geracional da baixa escolaridade refletida nas profissões e no desemprego mássico.**

Alguns trabalham de servente, de servente de pedreiro... Costumam trabalhar de dia e estudar a noite... Outros mais... Tem mais gente a toa que trabalhando... (DEPOENTE 1, José, 61 anos).

**O fracasso ou o baixo desempenho escolar de crianças e jovens, principalmente dos meios populares, tem sido atribuído pela escola ao**

pouco envolvimento dos pais nos estudos dos filhos. No que tange a idealização do sucesso escolar dos filhos, como afirma Lahire (2004) a família dedica-se a participar da socialização com a escola, ainda que nem sempre conte com uma formação intelectual. Contudo, sabe-se que o processo de escolarização (e nele inclui-se a relação com a escola) não é vivenciado por todas as famílias da mesma forma e com a mesma intensidade (NOGUEIRA, 2005; NOGUEIRA, ROMANELLI, ZAGO, 2003; MONTANDON, 2001; SILVA, 2005).

Para, além disso, há uma exaltação ao modelo tradicional de ensino por parte de muitos pais e professores, alegando que na década de sessenta e setenta a escola tinha melhor qualidade. Porém, a suposta diminuição da qualidade do ensino oferecido pela escola pública não é um consenso entre os pesquisadores, que defendem a necessidade de se considerar três instâncias que sofreram modificações radicais nas últimas quatro décadas: a família, a política e a escola. (RICCI, op.cit.)

O que não se pode negar é que as famílias reconhecem na educação formal o principal meio de ascensão social e investem na formação de suas crianças.

Os pais tornam-se, assim, os responsáveis pelos êxitos e fracassos (escolares, profissionais) dos filhos, tomando para si a tarefa de instalá-los da melhor forma possível na sociedade. Para isso mobilizam um conjunto de estratégias visando elevar ao máximo a competitividade e as chances de sucesso do filho, sobretudo face ao sistema escolar, o qual, por sua vez, ganha importância crescente como instância de legitimação individual e de definição dos destinos ocupacionais (NOGUEIRA, 2005, p. 572).

O quanto e como se dá esse envolvimento variam conforme inúmeros fatores que têm como origem o capital cultural, social e econômico de que a família dispõe e que são transmitidos geracionalmente. Bourdieu e Passeron (2008; 2009) trabalham de forma brilhante tais fatores e investigam como, de maneira mais ou menos sutil, são excluídos aqueles que não se enquadram no sistema de ensino como está estruturado. Nesta discussão também é importante considerar a presença da escola (ou da rotina escolar)

no dia a dia de filhos, pais e demais familiares, e acerca dessa relação afirma Montandon e Perrenoud (1987, p.7 *apud* Faria Filho, 2000), “de uma maneira ou de outra, onipresente ou discreta, agradável ou ameaçadora, a escola faz parte da vida cotidiana de cada família.”

Os depoentes trouxeram importantes informações sobre sua vida de estudante. Embora revelassem que na sua infância não houve maior participação dos pais na escola e a autoridade do professor fosse inquestionável, mostraram que as famílias se envolviam com os estudos.

Às vezes chegava em casa e minha mãe ia corrigir. Se tinha erro, ia corrigir e ensinava também. Pegava na mão da gente e ensinava também. Alguma coisa que a gente tinha dúvida, ela ensinava a gente a fazer. Chegava na aula e já ‘tava’ bem prático (DEPOENTE 1, José, 61 anos).

Mesmo com o apoio familiar o José não conseguiu vencer barreiras como a falta de escolas próximas à sua moradia, a repetência e a necessidade de trabalhar para ajudar financeiramente a numerosa família. Encerrou seus estudos com 13 anos ao concluir o 4º ano primário (atualmente 5º ano).

Ainda que tenha havido a expansão escolar nas últimas décadas, somente o acesso à educação não garante condições vantajosas aos sujeitos em relação ao mercado de trabalho. Além da conclusão do ensino médio ser quase inalcançável para uma parcela significativa da população, nem todos os certificados têm o mesmo valor, isto é, alguns diplomas estão imbuídos de maior valor cultural que outros<sup>7</sup>. O simples fato de se ter um certificado, ou ser minimamente alfabetizado faz com que muitas pessoas aspirem melhores condições sociais futuras, algo advindo das promessas educacionais e que, para muitos, não se cumprem. A desilusão decorre de uma dialética onde os “vendedores de trabalho almejam valorizar seus títulos, enquanto os contratadores objetivam desvalorizá-los”<sup>8</sup> (BOURDIEU; PASSERON, 2008). Nos depoimentos utilizados nesse

7 O acesso a estes diplomas é restrito e vinculado a pessoas detentoras de maiores índices de capital cultural.

8 Nesta disputa podemos encontrar, por exemplo, os grupos sindicais que almejam a valorização dos títulos.

artigo observamos que tanto os avós dos entrevistados, quanto eles próprios e os seus filhos, permanecem com limitado nível de escolaridade e em empregos de baixa remuneração.

Portanto, as experiências de agentes de determinada classe e sua maior proximidade com o *capital cultural* dominante (ao qual estão arraigados os currículos escolares) corroboram êxitos aos seus quadros. Além do mais, são essas camadas sociais que tem maior acessibilidade às obras culturais e pesquisas científicas cobradas pelos sistemas de ensino. A escola assume a função de conservação social, estando indubitavelmente ligada a uma “preempção”<sup>9</sup> e às trocas materiais e simbólicas (BOURDIEU e PASSERON, 2008). As camadas populares tinham e têm enormes dificuldades de se inserirem em uma cultura que não lhes pertence.

Recorrendo a Paulo Freire (1987) para auxiliar na compreensão do fenômeno e buscar alternativas, percebemos uma análise feita por outro prisma. Segundo o autor, é fundamental observarmos o princípio de que os seres humanos são seres “ontologicamente iguais, finitos, inacabados”, capazes de procederem críticas autênticas, sofrendo porém, os condicionamentos da realidade, mas sendo capazes de transformá-la. O homem é compreendido como capaz de transformar este “mundo em aberto”. Para ele, a educação corresponde a um processo de construção de conhecimento no qual os educadores, juntamente com os seus discentes, realizam, unidos, o desvelamento da realidade onde vivem e estabelecem, de forma atrelada, projetos de transformação daquele meio. O diálogo, como visto, é basal, devendo se realizar, inclusive, entre as diversas instâncias sociais, inclusive entre docentes e discentes. O ideal, para o autor, seria que o país se desenvolvesse sempre arrolado tanto nas apreciações das camadas dominantes quanto nas do povo, sem que uma sobrepujasse a outra.

## CONCLUSÃO

O que se observou nas entrevistas e na literatura até o momento, é que o envolvimento entre a família e escola é variável e dependente de inúmeros fatores que têm como origem o capital cultural, social e econômico de que a família dispõe e que são

<sup>9</sup> “A herança não é só econômica, é um conjunto de direitos de preempção. A palavra ‘preempção’ corresponde a uma espécie de percepção antecipada das propriedades relacionadas a bens que se deseja adquirir sobre o futuro, sobre as posições possíveis de serem ocupadas (BOURDIEU, 2008, p. 96)”.

transmitidos geracionalmente. Como consequência, as estratégias e os arranjos cotidianos traçados por elas para salvaguardar a trajetória escolar das crianças e jovens variam, dependendo de fatores como a condição na estratificação social, as regras de cada família e as experiências vivenciadas pelo grupo em relação à escola. Observamos pela memória dos depoentes que houve investimento da família nos seus estudos, porém, continuar estudando era um grande desafio a ser vencido, e continua sendo.

A escola está cada vez mais presente na vida das famílias e estas não mais se constituem em uma estrutura monolítica. Família e escola refletiram tantas mudanças da sociedade que uma gama de alternativas e propostas foram engendradas e inseridas na escola de forma que isso acabou se reproduzindo em uma grande teia de ideias, métodos pedagógicos e projetos que não necessariamente compartilham de uma teoria adequada para as duas instituições.

No entanto, as diferenças de socialização vivenciadas por cada uma das duas gerações influenciam na forma de investimento na escolarização dos seus filhos. Nesse contexto, observa-se que a escola ainda não está preparada para respeitar as diferenças e, para que isso ocorra, os estabelecimentos de ensino devem, cada vez mais, desafiar o modelo de “monólogo científico” cuja espinha dorsal se baseia em uma dosagem de abuso do saber e de certo autoritarismo. Nenhuma particularidade se confunde com a totalidade e pouco avanço haverá se a instituição escolar não se preparar para ouvir a “linguagem” das camadas populares, que se torna presença de uma *otredade* e condição de uma tomada de consciência em relação às suas características, pois na fala do eu com o *outro* somos associados na formação da sociedade.

De acordo com as diferenças entre o modelo de família brasileiro e as mudanças e adaptações sofridas pela escola é que se pode definir a imensa distância entre a realidade acadêmica e a doméstica na sociedade brasileira. Por outro lado, as políticas públicas em suas propostas não elevam a questão das diferenças presentes na família brasileira, o que acaba desembocando em um sistema educacional incompleto e desigual. Com isso, a chamada crise da escola acaba por ganhar fôlego diante a um sistema que exige da família uma educação sólida, comprometida e eficaz, quando na verdade nem sempre as famílias são munidas de arcabouço cultural para fornecer essa educação.

Compreende-se que as escolas deixam de ser apenas transmissoras culturais e passam a ser o lugar de mudança e abertura aos estudos culturais. Sendo assim, a escola se afirma enquanto um lugar de criação de saberes e não apenas enquanto reprodutora nas inovações pedagógicas ou reformas legais. Uma vez que isso é passível de realização a escola torna-se ainda um lugar de negociação entre o imposto e o praticado, bem como de criação de saberes que refletem e que influenciam na ordem social.

## **THE SCHOOL AND ITS RELATIONSHIP WITH FAMILIES IN THE WORKER PARENTS' MEMORIES WITH ADULT CHILDREN**

### **ABSTRACT**

This article is a result of an investigation that has been done with two generations in the same family, parents and adult children who are parents too in peripheral neighborhoods in a small city in Minas Gerais. It has been known that in the family, from one generation to another, inclinations and practices are transmitted. The main objective of this study is to know the representations that each generation has about the school and its relationship with the family, as well as the changes and continuities on the daily practices that help to support the children schooling. For that, it was chose the qualitative approach and the thematic oral history in order to note the relation of fathers' and sons' memories with their scholar life, the environment in which they live and the role of families and communities in that context. The research has been showed, among other results, that between one generation and another there were many changes. Although the school has been valorized in the older generation, today it has been played a central role in the younger families. If in the parents' generation the physicals punishment were frequent and the teacher authority was unquestionable, in the younger parents' generation, what is important is to pay attention to the dialog and the teacher is not considered unquestionable. These changes that occurred in a so short time brings insecurity and new questions to the young parents.

**Keywords:** Generations. Families. School. Memory.

### **REFERÊNCIAS**

ALBERTI, V. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas: CPDOC, 1989.

BERGER, P. I., LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1984.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.C. *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. *Los Herederos: los Estudiantes y La cultura*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2009.

BRANDÃO, Z. Família e escola na constituição da subjetividade. In: Souza, S. J. e. (Org.). *Mosaico: Imagens do Conhecimento*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000.

CUNHA, M. V. A escola contra a família. In: FARIA FILHO, L. M. de; LOPES, E. M. T.; VEIGA, C. G. (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. 1 ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2000.

DESSEN, M. A.; POLÔNIA, A. da C. *A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano*. Paidéia, 2007.

DOMINGUES, J. M. Gerações, Modernidade e Subjetividade Coletiva. *Revista tempo social*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 67-89, maio de 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v14n1/v14n01a04.pdf>> Acesso em 03/04/2012.

ELIAS, N. *A Sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

FARIA FILHO, L. M. de. Para entender a relação escola-família uma contribuição da história da educação. *São Paulo em perspectiva*, v. 14, n. 2, 2000.

FREIRE, P. *A pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIDDENS, A.; PIERSON, C. *Conversas com Anthony Giddens: o sentido da modernidade*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2000.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LAHIRE, B. Infancia y Adolescencia: de los tiempos de socialización sometidos a constricciones multiples. *Revista de Antropología Social*, v. 16, p. 21-38, 2007. <disponível em < <http://www.ucm.es/BUCM/revistas/cps/1131558x/articulos/RASO0707110021A.PDF>> Acesso em 21/05/2011.

LAHIRE, B. *Sucesso escolar nos meios populares*. 1. Ed. São Paulo- SP: Editora Àtica, 2004.

MONTANDON, C. Um Diálogo Impossível. In: MONTANDON, C.; PERRENOUD, P. *Entre pais e professores, um diálogo impossível?* para uma análise sociológica das interações entre família e escola. Oeiras: Celta Editora, 2001.



## *A escola... - Giovani B. Prado, Cristina F. Assis e Rosa M. Coutrim*

NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (orgs.). *Família e Escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2003.

NOGUEIRA, M. A. A Relação Família-Escola na Contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas. *Análise Social*, v. XL, n. 176, p.563-578, 2005.

PERRENOUD, P. O que a escola faz às famílias. In: MONTANDON, C.; PERRENOUD, P. *Entre pais e professores, um diálogo impossível?* para uma análise sociológica das interações entre família e escola. Oeiras: Celta Editora, 2001.

RICCI, R. Vinte Anos de Educação Básica. *Revista Ibero-americana*. n. 31. jan./ Abr. de 2003.

SILVA, P. *Pais, professores e associação de pais: uma relação em que uns são mais iguais que outros*. In: STOER, S.; SILVA, P. *Escola-família: uma relação em processo de reconfiguração*. Porto: Porto Editora, 2005.

SINGLY, F. de. *Sociologia da Família Contemporânea*. Tradução Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

VIEIRA, S. L. Políticas e Gestão da Educação Básica. In: IV Seminário Regional de Política e Administração da Educação do Nordeste. V Encontro Estadual de Política e Administração da Educação/RN. Natal: 09 de novembro de 2006.

TEDESCO, J. C. *O novo pacto educativo: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 1999.

THOMPSON, P. *A voz do passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

## **RELATOS ORAIS**

DEPOENTE 1. Entrevistador: Giovani Barbosa Prado. Mariana, 20 de março de 2012. Gravadora digital ICD-PX720, 1GB, Universidade Federal de Ouro Preto/Arquivo pessoal da docente DRA. ROSA MARIA DA EXALTAÇÃO COUTRIM.

DEPOENTE 2. Entrevistador: Giovani Barbosa Prado. Mariana, 15 de abril de 2012. Gravadora digital ICD-PX720, 1GB, Universidade Federal de Ouro Preto/Arquivo pessoal da docente DRA. ROSA MARIA DA EXALTAÇÃO COUTRIM.

**Recebido em: agosto 2012**

**Publicado em: dezembro 2012**